

CARTA DE POLÍTICA DO HCO DE 12 DE FEVEREIRO DE 1967

Curso de Executivo
da Organização

Know-how de Admin Série 13

AS RESPONSABILIDADES DOS LÍDERES

Alguns comentários sobre PODER, estar ou trabalhar perto de ou sob um poder, ou seja um líder ou uma pessoa que exerce larga influência primária nas atividades dos homens.

Eu escrevi-o deste modo usando duas pessoas verdadeiras, para dar um exemplo de magnitude, bastante para interessar e oferecer um pouco de leitura agradável. E usei a esfera militar para assim poder ser visto claramente sem restimular problemas de Admin.

A propósito, o livro referenciado é um livro fantasticamente capaz.

**OS ERROS DE SIMON BOLIVAR
E MANUELA SAENZ**

Referência: O livro intitulado

*As Quatro Estações de Manuela por
Victor W. von Hagen, uma biografia.*

Um Livro de capa mole da Mayflower Dell. Oct. 1966.6 xelins.

Simon Bolivar foi o libertador da América do Sul, do jugo de Espanha.

Manuela Saenz foi a libertadora e consorte.

Os seus actos e sorte estão bem registados nesta biografia comovente.

Mas aparte qualquer valor puramente dramático, o livro põe a nu e motiva várias ações de grande interesse para os que lideram, que apoiam ou estão perto de líderes.

Simon Bolivar tinha um carácter muito forte. Ele era um dos homens mais ricos da América do Sul. Tinha uma verdadeira capacidade pessoal apenas dada a alguns no planeta. Ele era um chefe militar sem par na história. A razão porque ele falharia e morreria no exílio para ser depois divinizado, é pois de grande interesse. Que erros é que ele cometeu?

Manuela Saenz era uma mulher brilhante, bonita e capaz. Ela era leal, dedicada, bastante comparável a Bolívar, de longe acima da estatura do humanoide comum. Porque é que então ela viveu um desterro aviltante, teve uma tão violenta rejeição social, morreu na miséria e permaneceu desconhecida da história? Que erros cometeu ela?

OS ERROS DE BOLÍVAR

Libertar coisas é o inverso duma dramatização não declarada (o reverso da medalha) da escravidão imposta pelos mecanismos da mente. A menos que haja algo para *onde* libertar os homens, o ato de os libertar é simplesmente um protesto contra a escravidão. E como nenhum humanoide é livre enquanto ser aberrado no ciclo do corpo, é claro que libertá-lo

politicamente não passa de um gesto, pois só se liberta para a anarquia da dramatização das suas aberrações SEM qualquer controlo e sem algo exterior contra que lutar; e sem a exteriorização do seu interesse, ele simplesmente se enfurece, ruidosa ou silenciosamente.

Uma vez que tão grande é o erro como os seres depravados que produziu, é claro que não há liberdade sem libertar a pessoa da própria depravação ou *pelo menos* das suas mais óbvias influências na sociedade. Em resumo, teríamos que desaberrar um homem antes de toda a estrutura social poder ser desaberrada.

Se faltasse capacidade para libertar totalmente o homem dos seus padrões reativos, então poderia libertar-se o homem pelo menos dos seus restimuladores da sociedade. Se tivéssemos todos os dados (mas falta a tech de Cientologia), usaríamos simplesmente padrões reativos para estoirar com a velha sociedade e depois apanhar os pedaços num padrão claramente novo. Se a pessoa não tivesse qualquer ideia de como pode ficar reativa (e Bolívar, é claro que não tinha qualquer conhecimento nesse campo), ainda permaneceria uma fórmula funcional, usada “instintivamente” pelos líderes políticos práticos com mais êxito:

Se você liberta uma sociedade dessas coisas que se vê estarem erradas com ela e usa força para exigir o que é correto, e se você leva adiante a decisão e eficácia continuamente sem transigir, pode, com a aplicação do seu charme e benesses, provocar uma grande reforma política ou melhorar um país fracassado.

Assim o primeiro erro de Bolívar, também muito consistente ele foi, estava contido nas palavras vitais que *você vê* no parágrafo acima. Ele nem sequer olhou nem deu ouvidos aos relatórios dos serviços de informação. Estava tão *certo* de que poderia fazer as coisas brilhar tão bem, ou lutar tão bem pelas coisas ou dar tanto charme às coisas, que nunca procurou nada errado para corrigir, até que era já tarde demais. Este é o non plus ultra da confiança pessoal redundando em vaidade suprema. “Quando ele aparecia tudo correria bem”. Não só era convicção dele, mas também a sua filosofia básica. Assim, a primeira vez que isto não funcionou, ele colapsou. Todas a sua perícia e charme foram canalizados para este teste. Só isso é que ele podia observar.

Não é para me comparar com Bolívar mas para mostrar minha compreensão disto:

Eu tive uma vez uma coisa semelhante. “Eu deveria prosseguir enquanto pudesse e quando fosse parado morreria”. Esta era uma solução bastante fácil de dizer e realmente difícil de entender até ter uma ideia do que eu quis dizer com dever prosseguir. Os meteoros prosseguem, muito, muito rapidamente. E assim eu fiz. Então um dia há tempos atrás, *fui* finalmente parado depois de incontáveis pequenas paragens por contactos sociais e família para me preparar, acabando numa marinha mais devotada a galões do que a matar inimigos, e literalmente desisti. Durante algum tempo não pude encontrar a pista do que estava errado comigo. A vida não ficou nada capaz de ser vivida até que encontrei uma *nova* solução. Por isso eu conheço a debilidade destas soluções simples. Não é para me comparar, mas só mostrar que acontece a todos nós, e não apenas a Bolívaes.

Bolívar não tinha qualquer visão introspectiva pessoal. Ele só podia ter uma visão “extrospectiva” e mesmo aí, não olhava nem ouvia. Ele fazia as coisas *brilhar* bem. Lamentavelmente esse poder foi a sua ruína. Até que deixou de poder. Quando não podia *brilhar*, ele rugiu, e quando não podia rugir, provocou uma batalha. Nessa altura, os inimigos civis não eram inimigos militares, e assim não teve qualquer solução.

Nunca lhe ocorreu fazer mais do que magnetizar pessoalmente as coisas para saírem corretas e vitoriosas.

A sua queda foi porque ele fez demasiado uso desta capacidade simplesmente porque era fácil. Ele era muito bom nisto. Por isso nunca procurou qualquer outra capacidade nem sonhou que houvesse qualquer outra forma.

Ele não tinha a visão de qualquer situação nem uma ideia organizacional ou dos passos preparatórios necessários à vitória política e pessoal. Ele só sabia organização militar, que era até onde chegava a sua perspicácia organizacional.

Ele foi ensinado na embriaguez da revolução francesa, notória na sua inabilidade organizacional para formar culturas, e, por fatalidade, por um professor de infância que não era absolutamente nada prático na sua própria vida privada (Simon Rodriguez, um padre destituído transformado em tutor).

Bolívar não tinha qualquer capacidade financeira pessoal. Ele começou rico e acabou pobre, uma estatística descendente de um dos homens mais ricos, se não o mais rico, da América do Sul, ao ponto de ter que lhe ser emprestada uma camisa de noite para ser enterrado como exilado. E *isto* enquanto a propriedade dos Monárquicos estava toda acessível, os maiores valores de terras e minas de América do Sul, tudo acessível à sua mão, e isso é incrível! Mas verdadeiro. Ele nunca cobrou a os seus próprios empréstimos aos governos mesmo quando chefe desses governos.

Assim não admira que encontremos mais dois erros muito reais conducentes à sua queda: Ele não *recompensou* as suas tropas ou oficiais e não apontou para qualquer solvência dos estados que controlava. Estava bem não serem pagos se houvessem longos anos de batalha à frente, uma vez que nenhuma real riqueza tinha ainda sido ganha, mas não os recompensar quando tinha tudo à sua disposição! Bom!

O limite da sua capacidade foi exigir um pouco de dinheiro para despesas correntes às igrejas que não estavam ativamente contra ele no princípio, mas que os chateou sem fim, e algumas despesas domésticas.

Ele poderia (e deveria) ter reservado todas as propriedades Monárquicas e outras, para dividir entre os seus oficiais, os seus homens e os seus partidários. Elas não tinham agora nenhum dono. Esta falha custou à economia do país a perda dos impostos de todas essas propriedades produtivas (toda a riqueza da terra). Assim não admira que o seu governo, as suas propriedades taxáveis agora inoperantes ou na melhor das hipóteses regidas por um oportunista ou saqueadas por índios, fossem insolventes. Também, não fazendo esse ato óbvio, ele meteu propriedades nas mãos de inimigos mais providentes e deixou os seus oficiais e homens sem dinheiro para financiar algum apoio à própria estabilidade da nova sociedade, assim como a ele próprio.

A respeito de finanças de estado foram descuidadas as grandes minas da América do Sul, de repente sem dono, e foram então apanhadas e trabalhadas por aventureiros estrangeiros que simplesmente entraram e delas se apoderaram sem pagar.

A Espanha tinha dirigido o país com as finanças dos dízimos das minas e impostos gerais. Bolívar não só não cobrou os dízimos como deixou a terra perder valor ao ponto de não ser taxável. Ele deveria ter posto as propriedades a funcionar através de algumas mudanças e o estado a operar todas as minas Reais, uma vez que ele as tinha na mão. Não fazer estas coisas

foi completa loucura, mas tipicamente humanoide.

Para esta divisão de propriedade ele deveria ter deixado tudo com os comités de oficiais que operavam como tribunais de reivindicação, sem sujar as suas próprias mãos na natural corrupção. Ele ficou duplamente exposto, pois não só não atendeu a isso, mas também foi acusado de corrupto quando alguém deitava a mão a alguma coisa.

Ele também falhou em termos de reconhecer a natureza dispersa e distante dos seus países, apesar de toda a sua cavalgada e luta por eles, e assim arranjou um governo firmemente centralizado, e não só estados centralizados, mas também centralizando as várias nações num estado federal. E isto com um território enorme cheio de distâncias insuperáveis, selvas e desertos intransitáveis e sem correio, telégrafo, estações de muda, estradas, vias-férreas, barcos de rio ou até pontes de pedestres reparadas, depois de um atrito de guerra.

Um degrau de uma aldeia para um estado, de um estado para um país e de um país para um estado federal, só era possível nesses espaços enormes dum país onde os candidatos nunca poderiam ser conhecidos pessoalmente por toda uma larga área, e cujas opiniões nem sequer podiam circular mais do que alguns milhas de trilhos de burro, onde só a aldeia era democrática e todo o resto daí para cima nomeável, ratificando ele próprio os títulos se fosse preciso. Com os seus próprios oficiais e exércitos a controlar a terra como donos de tudo o que foi arrancado aos Monárquicos e à coroa Espanhola, ele não teria tido qualquer revolta. Teria havido umas poucas guerras civis é claro, mas poderia ter existido um tribunal para resolver as suas reivindicações finais a nível federal viajando sempre tanto por essas vastas distâncias que teria quebrado o entusiasmo por litígios, por um lado, e através de disposições de olho-por-olho dente por dente por outro lado, ter-lhe-ia dado os mais fortes governadores, se não tomasse partido.

Ele não saiu e abdicou de uma posição ditatorial. Ele confundiu a aclamação e capacidade militar com um instrumento de paz. A guerra só traz anarquia, por isso ele teve anarquia. Paz é mais do que um "comando para a unidade", a sua frase favorita. Uma paz produtiva é ocupar os homens e dar-lhes algo para fazer, algo do que eles *queiram* fazer algo e dizendo-lhes para se harmonizarem com isso.

Ele nunca chegou a reconhecer um supressivo e nunca considerou que era preciso matar, exceto num campo de batalha. Aí era glorioso. Mas alguém destruiu o seu nome e alma e a segurança de todos os seus partidários e amigos, o SP Santander, seu vice-presidente que poderia ter sido preso e executado por um guarda pessoal com um centésimo das provas disponíveis, foi capaz de subornar toda a tesouraria e população contra ele sem que Bolívar, continuamente avisado e carregado de provas, nem sequer nunca o repreendesse. E isto provocou a sua perda de popularidade e o seu exílio final.

Ele também fracassou da mesma maneira não protegendo de outros inimigos a sua família militar ou Manuela Saenz. Assim ele debilitou os seus amigos e ignorou os inimigos, só por omissão.

O seu maior erro assenta no facto de que, tendo demitido a Espanha, ele não demitiu aquele mais poderoso agente da nação, a Igreja, e nem sequer a localizou ou privilegiou um ramo separado Sul-Americano para obter lealdade nem outra coisa qualquer (exceto extorquir-lhe o dinheiro) para uma organização que continuamente trabalhava para Espanha como só ela podia trabalhar, em cada pessoa na terra num reinado de terror direto anti Bolívar por trás da cena. Você ou suborna tal grupo ou o tira de lá quando deixa de ser universal e

se torna ou é parceiro do inimigo.

Como a Igreja tinha propriedades enormes e como a tropa e partidários de Bolívar não foram pagos nem mesmo a ninharia devida aos soldados, se as propriedades da coroa fossem negligenciadas, pelo menos a propriedade da Igreja poderia ter sido apanhada e dada aos soldados. O General Vallejo fez isso em 1835 na Califórnia, um ato quase contemporâneo, sem qualquer catástrofe da parte de Roma. Ou os países sem dinheiro ter-se-iam apoderado dela. Não se deixa um inimigo financiado e solvente enquanto os seus amigos se deixam a morrer de fome num jogo como a o da política Sul Americana. Isso não.

Ele devastou os inimigos. Ele exportou os "godos" ou derrotou soldados da coroa. A maior parte deles não tinham qualquer casa exceto a América do Sul. Ele não emitiu qualquer amnistia com que pudessem contar. Eles foram deportados ou deixados morrer na "valeta", entre eles os melhores artesãos do país.

Quando um (General Rodil) não renderia a fortaleza de Callao depois do Peru ser *ganho*, Bolívar, depois de grandes gestos de amnistia, não conseguiu obter a rendição e então lutou contra o forte. Quatro mil refugiados políticos e quatro mil tropas Monárquicas, todos morreram durante muitos meses, ali bem à vista de Lima; lutaram pesadamente por Bolívar só porque o *forte* estava lutando. Mas Bolívar teria que urgentemente corrigir o Peru e não lutar contra um inimigo derrotado. A resposta correta a um comandante tolo como Rodil, uma vez que Bolívar tinha as tropas para o fazer, era cobrir as estradas com uma fileira potencial de canhões para desencorajar qualquer surtida do forte, colocar um maior número das suas próprias tropas numa posição ofensiva distante, mas calma e confortável e dizer, "Nós não vamos lutar. A guerra acabou, imbecil. Olha os idiotas a viver de ratos quando podem sair e dormir em casa, ou ir para a Espanha ou alistar-se comigo ou simplesmente acampar", e deixar qualquer pessoa entrar e sair à vontade, fazendo do comandante do forte (Rodil) presa de toda esposa e mãe suplicante cá fora, e do desertor ou amotinador lá dentro até realmente timidamente desistir da pretensão; um homem não pode lutar só. Mas a batalha era uma glória para Bolívar. E ele foi intensamente desadorado porque a incessante canhoneada que não ia a lado nenhum, foi uma chatice.

As honras significavam muito para Bolívar. Ser querido era a vida dele. E provavelmente isso significava mais para ele do que ver as coisas realmente bem. Ele nunca comprometeu os seus princípios, mas vivia de admiração, uma dieta bastante enjoativa, uma vez que em troca exige um "teatro" contínuo. Uma pessoa é pelo que é, não pelo que a pessoa é admirada ou odiada. Julgar-nos a nós próprios pelos sucessos é simplesmente observar que os postulados funcionaram gerando confiança na nossa capacidade. Precisar que nos *digam* que funcionou, só critica a nossa própria visão e dá uma lança ao inimigo para ferir a nossa vaidade à sua vontade. O aplauso é agradável. É fantástico ser agradecido e admirado. Mas trabalhar só para isso? E a sua ânsia por isso, o seu vício pela mais instável droga da história, a fama, matou Bolívar. Isso auto-ofereceu a lança. Ele disse continuamente ao mundo como o matar: reduzir a sua estima. Assim como o dinheiro e terra podem comprar qualquer quantidade de conspiração, ele poderia ser morto congelando-lhe a estima, a coisa mais fácil de conseguir duma multidão.

Ele teve todo o poder. Ele não o usou para o bem ou para o mal. A pessoa não pode ter o poder e não o usar. Isso viola a Fórmula de Poder. É que isso impede então os *outros* de fazer coisas se *eles* tivessem algum do poder, assim eles veem como única solução a destruição do detentor do poder, uma vez que ele, não o usando nem o delegando, é o

bloqueio inconsciente a todos planos. Por isso, até muitos dos seus amigos e exércitos concordaram finalmente que ele tinha que se ir embora. Eles não eram homens capazes. Eles estavam num pandemônio. Mas mal ou bem, eles tinham que fazer *algo*. Na situação estavam desesperados, arruinados e à fome depois de catorze anos de guerra civil. Por isso, eles, ou tinham que ter *algum* daquele poder absoluto, ou então nada em absoluto poderia ser feito. Eles não eram grandes espíritos. Ele não precisava de nenhum "grande espírito", pensou, embora os solicitasse verbalmente. Ele viu a mesquinhez deles, muitas soluções assassinas, e censurou-os. E assim detinha o poder e não o usou.

Ele não podia aguentar outra ameaça de *personalidade*.

O problema no Peru surgiu quando ele levou a melhor sobre o seu real conquistador (vindo da Argentina), La Mar, no triunfo insignificante de juntar Guayaquil à Colômbia. Bolívar desejou mostrar-se triunfante de novo e não notou realmente que lhe custou a ele e ao Peru o apoio de La Mar, que compreensivelmente resignou e foi para casa, deixando a Bolívar o *Peru para conquistar*. Infelizmente, já tinha estado nas suas mãos. La Mar só precisava de algumas tropas para limpar um pequeno exército Monárquico. La Mar não precisava que o Peru perdesse Guayaquil, que de qualquer maneira nunca fez bem a ninguém!

Bolívar ficava inativo quando enfrentava duas áreas de problemas; não sabia por onde ir. Assim, não fazia nada.

Mais valente do que qualquer general da história, no campo de batalha, nos Andes ou em rios torrenciais, não teve realmente a coragem necessária para confiar em mentes inferiores e assistir a asneiras frequentemente chocantes. Ele teve medo dessas asneiras. E assim não ousou soltar os seus muitos voluntariosos cães de caça.

Ele podia conduzir homens, fazê-los sentir-se maravilhosamente, fazê-los lutar e dar as suas vidas depois de adversidades que nenhum exército em qualquer outro lugar do mundo alguma vez enfrentou, antes ou depois. Mas não era capaz de *usar* os homens mesmo quando eles lho imploravam.

É um nível assustador de coragem usar os homens que se sabe poderem ser cruéis, malignos e incompetentes. Jamais teve medo que se virassem contra ele. Quando finalmente o fizeram, só então ficou chocado. Mas protegeu "o povo" da autoridade dada a homens de competência questionável. Assim ele realmente nunca usou senão três ou quatro generais de disposição moderada e capacidade altamente fora de série. Ao resto negou poder. Muito solícito ao "povo" nebuloso, mas realmente muito mau para o bem geral. E isso realmente provocou a sua morte.

Não. Bolívar era teatro. Era só teatro. Uma pessoa não pode cometer erros desses e ainda pretender pensar na vida como vida, viril e factual. Homens reais e vida real estão cheios de situações perigosas, violentas, vivas; e as feridas *doem* e a fome é o próprio desespero, especialmente quando você vê isso em alguém que você ama.

Este ator poderoso, apoiado num potencial pessoal fantástico, cometeu o erro de pensar que o tema da liberdade, e o seu próprio grande papel no palco bastava para interessar todas as horas de trabalho e sofrimento dos homens, e comprar-lhes o pão, pagar-lhes as prostitutas, matar os amantes das suas esposas e ligar as suas feridas ou até pôr bastante drama nas muito duras vidas para os fazer desejar vivê-las.

Não, Bolívar era infelizmente o único ator no palco e nenhum outro homem no mundo era real para ele.

E assim morreu. Eles amaram-no. Mas eles também estavam no palco, onde morriam, no guião dele ou no guião de Rousseau, pela a liberdade, mas sem guião para viver as suas vidas muito reais.

Ele foi o maior general em qualquer história, a avaliar pelos obstáculos, as pessoas e a terra através da qual lutou.

E foi um completo fracasso para si próprio e para os seus amigos.

Embora sendo, ainda por cima, um dos maiores *homens* vivos. Assim nós vemos como verdadeiramente miseráveis outros devem ser entre homens com botas de líderes.

MANUELA SAENZ

A tragédia de Manuela Saenz como concubina de Bolívar foi nunca ter sido *usada*, nunca realmente ter tido um quinhão e nem não ter sido protegida nem honrada por Bolívar.

Aqui estava uma mulher inteligente, espetacular, duma fidelidade e capacidade fantásticas, com um "talento" enorme, capaz de dar grande prazer e serviço. E só a sua capacidade de prazer foi aproveitada, mas não consistentemente nem sequer honestamente.

Em primeiro lugar Bolívar nunca casou com ela. Ele nunca casou com ninguém. Isto abriu uma brecha fantástica em qualquer defesa que ela alguma vez pudesse fazer contra os inimigos, dela ou dele, que eram uma legião. Assim o seu primeiro erro foi não ter, de qualquer maneira, contraído matrimónio.

Ela tinha um marido separado a quem tinha sido mais ou menos vendida, e a quem ela permitiu destruir a sua vida obliquamente.

Ela era abnegada demais para ser real em todas as suas muito hábeis maquinações.

Para este problema do matrimónio poderia ter engendrado qualquer número de ações.

Ela tinha a amizade sólida de todos os seus conselheiros de confiança, até mesmo o velho tutor dele. Ainda assim ela não fez nada para si própria.

Ela era totalmente dedicada, completamente brilhante e totalmente incapaz de realmente realizar uma ação final de qualquer tipo.

Ela violou a Fórmula de Poder não percebendo que detinha o poder.

Manuela estava perante um homem duro de tratar. Mas não sabia o suficiente para tornar a sua própria corte eficaz. Organizou uma e não soube o que fazer com ela.

O erro mais fatal dela foi não derrubar Santander, o inimigo-mor de Bolívar. Isso custou-lhe tudo o que tinha antes do fim e depois de Bolívar morrer. Ela sabia há *anos* que Santander tinha que ser morto. Ela dizia-o ou escrevia-o de vez em quando. Ainda assim nunca ofereceu a nenhum jovem oficial uma noite agradável ou um punhado de ouro para o fazer quando o *duelo estava na moda*. É como andar a discutir como é que o lobo, perfeitamente visível e a comer as galinhas no jardim deveria ser alvejado, mesmo com uma arma na mão sem sequer a erguer, enquanto todas as galinhas iam desaparecendo durante anos.

Numa terra dominada por padres, ela nunca arranjou um padre dócil para os seus fins.

Ela era um fantástico agente secreto. Mas forneceu os seus dados a um homem que não podia agir para se proteger ou aos seus amigos, e que só poderia lutar contra exércitos duma forma dramática. Ela não viu isto nem assumiu discretamente a pasta de chefe da polícia secreta. O erro dela foi esperar ser instada a vir até ele para agir. Ela foi voluntariamente o seu melhor agente secreto político. Por isso ela deveria também ter assumido outros papéis.

Ela guardou a correspondência dele, era íntima das secretárias dele. E ainda assim nunca coligiu ou forjou ou roubou qualquer documento para derrubar os inimigos, nem através de exposições a Bolívar nem no círculo da sua própria corte. E numa área com uma ética tão baixa, isso é fatal.

Ela lançou panfletos abertamente e lutou violentamente como numa batalha contra a sua turba.

Ela tinha muito dinheiro à disposição. Numa terra de índios à venda, nunca usou um centavo para comprar uma faca rápida ou até mesmo um pedaço sólido de prova.

Quando bastando abrir a boca poderia ter tido qualquer propriedade sequestrada aos Monárquicos, ela entrou em litígio por um legado legítimo que nunca ganhou, e outro ganhou mas nunca lhe foi pago.

Eles viviam à beira de areia movediça. Ela nunca comprou uma tábua ou uma corda.

Levada pela glória de tudo, completamente dedicada, potencialmente capaz e um inimigo formidável, ela não *agiu*.

Ela esperou que lhe dissessem para vir até ele mesmo quando estava à morte e exilado.

O seu domínio sobre ela, que nunca obedeceu qualquer outro, era absoluto demais para a sobrevivência dele próprio ou dela.

Os erros atribuídos a ela (apontados na ocasião como seus capricho e teatro) não eram os erros dela. Eles apenas a tornaram interessante. Eles estiveram longe de ser fatais.

Ela não era impiedosa bastante para compensar a falta de piedade dele, e não era providente bastante para compensar a falta de providência dele.

Os caminhos a ela abertos para as finanças, para a ação, eram completamente sem portas. A avenida estendia-se ao horizonte.

Ela lutou corajosamente, mas simplesmente não tomou ação.

Era apenas uma atriz de teatro.

E morreu disso. E deixou Bolívar morrer por causa disso.

Nunca Manuela olhou em volta e disse, "Olhe aqui, as coisas não podem continuar desta maneira. O meu amante tem meio continente e até eu lhe tenho a lealdade de batalhões. Ainda assim aquela mulher deitou fora a sorte!"

Manuela nunca falou ao médico de Bolívar, um amante segundo rumores, "Diga a esse homem que ele não viverá sem que eu me torne parte constante da sua comitiva, e diga-lhe até ele acreditar, ou nós teremos aqui um novo médico".

O mundo estava aberto. Enquanto que Teodósia, a esposa do Imperador Justiniano II de Constantinopla, uma mera menina de circo e prostituta, governou mais duramente do que o seu marido, mas para o marido dela, nas suas costas, e também o fez a casar com ela,

Manuela nunca teve uma cesta de ouro para dar a Bolívar para as suas tropas não pagas com um "Acabo de achar isto, querido" para responder "De onde é que...?" depois dos cativos Monárquicos terem sido cuidadosamente resgatados por fugas da prisão pelo seu próprio laborioso séquito e oficiais amigos. Ela nunca pegou em nenhuma filha duma família que gritou contra ela, e a entregou às tropas Negras dizendo depois: "Que família palradora está a seguir"?

Ela até tinha o grau de coronel, mas só o usou porque usava roupas de homem pela tarde. Era uma terra brutal, violenta, inumana, não um jogo de salão.

E assim Manuela, sem dinheiro, improvidente, morreu mal e na miséria, exilada por inimigos e abandonada por amigos.

Mas porque não abandonada pelos amigos? Eles foram todos tocados pela pobreza ao ponto de serem incapazes de a ajudar, embora quisessem; é que ela teve o poder de os tornar solventes e não o usou. Eles estavam na pobreza antes de vencer, mas eles finalmente controlaram a terra. Depois, porquê fazer disso um mau hábito?

E assim nós vemos duas figuras patéticas, verdadeiramente queridas mas enfeitadas, ambas num palco, ambas removidas para *longe* da realidade de tudo.

E pode dizer-se "Mas se eles não fossem tais idealistas nunca teriam lutado tão duro e libertado meio continente", ou "Se ela tivesse condescendido com a intriga ou ele tivesse sido conhecido por ações políticas violentas, eles nunca teriam tido a força e nunca teriam sido amados".

Tudo muito idealista em si mesmo. Morreram "na valeta", mal amadas, odiadas e desprezadas, duas pessoas decentes, valentes, quase boas demais para este mundo.

Um verdadeiro herói, uma verdadeira heroína. Mas num palco e não na vida. Sem sentido prático e improvidentes e qualquer dos dois sem o mais pequeno dom para usar o poder que poderiam reunir.

Esta história de Bolívar e Manuela é uma tragédia do tipo mais lamentável.

Eles lutaram contra um inimigo escondido, a Igreja; eles foram mortos pelos amigos.

Mas não descure a impraticabilidade de não dar suficiente poder aos seus amigos quando você o tem para dar. Você pode sempre dar algum desse poder a outro se o primeiro colapsa por incapacidade. E uma pessoa que busca usar o poder delegado para o matar a si, pode sempre ser derrubada como uma lebre numa caçada; se você tem os outros amigos.

A vida não é um palco para pousar e " Olhem para mim!" "Olhem para mim". "Olhem para mim". Se alguém tem que levar uma vida de comando ou perto do comando, tem que manejar isso como vida. A vida sangra. Sofre. Tem fome. E tem que ter o direito de matar os seus inimigos até surgir uma idade dourada.

Homens aberrados não são capazes de apoiar, no seu presente estado, uma idade declarada dourada durante três minutos, dados todos os utensílios e riqueza do mundo.

Se tiver que viver uma vida de comando ou perto dum comando, então tem que acumular poder o mais depressa possível depressa e delegá-lo o mais depressa possível, e tem que usar cada humanoide com grande alcance, no melhor e para além dos seus talentos, se quiser

sobreviver.

Se a pessoa não escolher essa vida, então que vá para o palco e seja um verdadeiro ator. Não mate homens fingindo não ser real. Ou pode tornar-se monge ou estudante ou funcionário. Ou estudar borboletas ou jogar tênis.

É que estamos sujeitos a certas leis naturais irrevogáveis no momento em que partimos para uma conquista, quer sejamos o responsável, quer uma pessoa perto dele, ou no seu pessoal ou no seu exército. E a lei mais importante, se a ambição é vencer, é claro que é vencer.

Mas também continuar a arranjar coisas para vencer e inimigos para conquistar.

Bolívar deixou o seu ciclo correr para a "liberdade" e terminou ali. Nunca teve qualquer outro plano para além desse ponto. Ficou sem território para libertar. Não soube o que fazer com este e também não sabia o bastante para encontrar outro lugar para libertar. Mas, claro que todos os jogos limitados chegam ao fim. E quando terminam, os jogadores ficam caídos no campo e tornam-se bonecos de trapos, a menos que alguém pelo menos lhes diga que o jogo terminou e que eles já não têm jogo nem qualquer vestíário ou casas, mas apenas aquele campo.

E eles fazem no campo sem notar que não pode haver mais nenhum jogo, uma vez que a outra equipa fugiu e pouco depois têm que fazer *alguma coisa*; e se o seu líder e a sua consorte ficam sentados pela relva também como bonecos de trapos, claro que não há qualquer jogo. E assim os jogadores começam a lutar entre si só para ter um jogo. E se o líder então diz, "Não, não", e o cônjuge não diz "Querido, é melhor telefonar ao Baltimore Orioles para sábado", então, claro que os pobres jogadores, chateados que chegue, dizem, "ele está fora", "ela está fora". Agora vamos dividir a equipa ao meio e fazer um jogo.

E foi isso que aconteceu a Bolívar e Manuela. Tiveram que se ver livres deles, pois não havia qualquer jogo e eles não desenvolveram nenhum para jogar enquanto proibiam os únicos jogos disponíveis: guerras civis secundárias.

Um *continente inteiro* que continha as principais minas do mundo de então, populações inteiras, foram ali deixados, "libertos". Mas ninguém era dono de nada, embora os donos anteriores tivessem partido. Não lhes foi dado nada. Nem foram mandados administrá-lo. Nenhum jogo.

E se Bolívar não foi inteligente bastante para isso, ele pelo menos poderia ter dito, "Bom! Vocês macacos vão ter tempo para pôr o carro a andar, mas isso não é trabalho meu. Vocês decidam o vosso tipo de governo e o que vai ser. Soldados são a minha linha. Agora, vou tomar posse das minhas velhas propriedades e das dos Monárquicos dali perto, e das minas de esmeraldas apenas como recordações, e eu e Manuela vamos para casa". E deveria ter dito isso cinco minutos depois do último exército Monárquico ter sido derrotado no Peru.

E a sua família oficial, e os mil tropas a quem estava a dar terra, teriam inteligentemente retirado com ele. E as pessoas, depois de alguns gritos de horror ao serem abandonadas, teriam caído em cima uns dos outros, estabelecido um estado à sabrada aqui e uma cidade além, e teriam ficado ocupados por pura autoproteção num novo jogo vital. " Quem é que Bolívar vai ser agora?"

Depois, quando em casa, deveria ter dito, "Digamos que esses bosques agradáveis me parecem muito Monárquicos, e também esses 1,000,000 de hectares de pasto, Manuela. O

dono deu uma vez apoio aos Monárquicos, recordas-te? De forma que é tudo teu.

E o resto do país teria feito o mesmo, prosseguido com o novo jogo de "Você foi um monárquico".

E Bolívar e Manuela teriam logo tido estátuas, construídas para eles às toneladas, assim que os agentes pudessem chegar a Paris com as ordens de uma população adoradora.

"Bolívar, vem governar-nos"! deveria ter obtido a resposta: "não vejo nenhuma América do Sul por libertar. Quando virem um exército francês ou espanhol, digam-me".

Isso teria funcionado. E este pobre casal teria morrido devidamente adorado na santidade da glória e, talvez mais importante, nas suas próprias camas, e não "numa valeta".

E se eles tivessem que continuar a governar, poderiam ter declarado um novo jogo de "pagar com terra dos Monárquicos aos soldados e oficiais ". E quando isso fosse um jogo ultrapassado "Desalojar a Igreja e dar as suas terras aos índios pobres amigos".

Não se pode ficar a fazer vénias para sempre atrás das luzes da ribalta sem espetáculo, mesmo sendo um grande ator. Qualquer um pode fazer melhor uso de qualquer palco do que até o mais elegante ator que não o usa.

O Homem é aberrado demais para entender pelo menos sete coisas sobre poder:

1. A vida é vivida por um grande número de pessoas. E se você lidera, ou terá que as deixar progredir com ela, ou terá que as conduzir por ela ativamente.
2. Quando o jogo ou o espetáculo terminou, tem que haver um novo jogo ou um novo espetáculo. E se não houver, alguém irá belamente iniciar um, e se você não deixar fazê-lo, o jogo será "apanhá-lo a si".
3. Se você tem poder, use-o ou delegue-o ou de certeza não o terá por muito tempo.
4. Quando você tem as pessoas, use-as ou em elas breve se ficarão muito infelizes e não mais as terá.
5. Quando você abandona um posto de poder, pague todas suas obrigações na hora, dê poder total a todos os seus amigos e parta com os bolsos cheios de artilharia, com chantagem potencial com todos os antigos rivais, com fundos ilimitados na sua conta privada e os endereços de assassinos experientes, e vá viver Para a Bulgária e suborne a polícia. E mesmo assim você pode não viver muito se conservou um fragmento que seja de dominação em qualquer campo que agora não controla, ou se você até disser, "eu sou a favor do político X". Abandonar *totalmente* o poder é realmente perigoso.

Mas nem todos podem ser líderes ou figuras pavoneando-se na ribalta, por isso há mais a saber sobre isto:

6. Quando você está perto do poder, consiga que algum lhe seja delegado a si, o bastante para fazer o seu trabalho e proteger-se a si próprio e aos seus interesses, pois você pode ser morto, camarada, morto, isto porque a posição próxima do poder é deliciosa mas perigosa, sempre perigosa, aberta a insultos de qualquer inimigo do poder que realmente não ousa atacar, mas que pode atacá-lo a si. Logo, para de algum modo viver na sombra ou ao serviço de um poder obriga a reunir e *USAR* bastante poder para manter o seu próprio, sem apenas maldizer ao poder para "matar Pete" diretamente ou usando meios velados mais supressivos para ele, uma vez que isso destrói o poder que apoia o seu. Ele

não tem que saber todas as más notícias, e se é realmente um poder, não estará sempre a perguntar: “o que é que todos esses cadáveres estão a fazer aí à porta”? E se for inteligente, você nunca deixa ninguém pensar que *ELE* os matou, pois isso enfraquece-o a si, e também fere a fonte de poder. "Bom, chefe, sobre todos esses mortos, ninguém suporá que você os matou. *Aquela* ali, com as pernas rosadas de fora, não gostava de mim". "Bom", dirá ele se for realmente um poder, "porque é que me está a importunar com isso se já está feito e você o fez. Onde é que está a minha tinta azul"? Ou "Capitão, três patrulhas de costa em breve estarão aqui com o seu cozinheiro Dober, e vão querer dizer-lhe que ele espancou Simson". "Quem é Simson"? "É funcionário dum gabinete inimigo no centro da cidade". "Ótimo". Depois de o terem dito leve o Dober até o dispensário para qualquer tratamento que ele precise. Ah!. Aumente-lhe o ordenado". Ou "Senhor, eu poderia ter poder para assinar ordens de divisão"? "Com certeza".

7. E por fim e mais importante, porque nem todos nós estamos no palco com os nossos nomes iluminados, empurre sempre o poder na direção de alguém de cujo poder você depende. Isto pode significar mais dinheiro para o poder, ou mais facilidade, ou uma defesa agressiva do poder para com um crítico, ou até mesmo a queda surda na escuridão de um dos seus inimigos, ou a labareda gloriosa de todo o campo inimigo, como surpresa de aniversário.

Se fizer assim e o poder de que está próximo ou de que depende é um poder com pelo menos alguma noção de como um poder deve ser, e se você fizer outros funcionarem desse modo, então o fator-poder expande e expande e expande, e você também adquire uma esfera de poder maior do que se trabalhasse sozinho. Reais poderes são desenvolvidos por conspirações rígidas deste tipo, empurrando para cima alguém em cuja liderança existe fé. E se estão certos e também manejam o seu homem e o impedem de colapsar por excesso de trabalho, mau temperamento ou dados incorretos, erigem um tipo de ídolo. Nunca se sinta mais fraco porque trabalha para alguém mais forte. O único fracasso assenta em sobrecarregar ou reduzir a força da qual você depende. Todos os fracassos em perpetuar o poder de um poder são fracassos em contribuir para a força e longevidade do trabalho, saúde e poder daquele poder. A devoção requer um contributo ativo da parte do poder, tanto externa como interna.

Se Bolívar e Manuela tivessem sabido estas coisas teriam vivido uma epopeia e não uma tragédia. Eles não teriam morrido “na valeta”, ficando ele sem o elogio realmente ganho pelas suas reais realizações, mesmo até hoje. E Manuela nem sequer seria desconhecida nos arquivos do país dela como heroína que era.

Figuras valentes, valentes. Mas se isto pode acontecer a tais personalidades estelares dotadas de capacidade dez vezes acima do maior dos mortais, a pessoas que poderiam pegar numa turba numa terra vasta e impossível, e derrotar um dos então principais poderes da Terra sem dinheiro ou armas e só com personalidade, o que será então da ignorância e confusão de líderes humanos em geral, e muito pior de homens pequenos tropeçando pelas vidas deles de enfado e sofrimento?

Vamos dar-lhes sabedoria, hein! Não se pode viver num mundo onde nem sequer os grandes líderes podem liderar.

L. RON HUBBARD

